

DESEMPENHO COMPETITIVO DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO DE MATO GROSSO DO SUL ENTRE 1997 E 2011

Competitive performance of exported products from Mato Grosso do Sul State agribusiness sector between 1997 and 2011

RESUMO

Objetiva-se, neste artigo, caracterizar o perfil exportador do agronegócio do estado de Mato Grosso do Sul, identificar quais segmentos possuem vantagens comparativas reveladas – competitividade –, quem são os parceiros mais representativos, assim como o tipo de comércio que se realiza. A metodologia utilizada permitiu avaliar, a partir de dados *ex post*, o desempenho competitivo dos segmentos do agronegócio, assim como os pontos fortes, fracos e neutros nas relações comerciais do Estado. Foram utilizados os índices: Gini-Hirschman; vantagem comparativa revelada (VCR); contribuição para o saldo comercial (CS); taxa de cobertura (TC) e comércio intraindústria (ICI). Os resultados mostraram que as exportações possuem uma forte dependência do agronegócio, com predominância dos segmentos carnes, complexo soja, complexo sucroalcooleiro e celulose. As exportações apresentam crescimento nos últimos quinze anos, porém a predominância dos segmentos do agronegócio vem sendo reduzida, nos últimos anos. O estudo permite concluir que importantes segmentos para o agronegócio do Estado apresentam elevada contribuição para o saldo comercial, entretanto, a baixa competitividade (VCR), sinaliza necessidade de investimentos nesses setores para um bom desempenho de Mato Grosso do Sul no comércio exterior.

Eduardo Luis Casarotto
Universidade Federal da Grande Dourados
e-casarotto@uol.com.br

Carlos Eduardo Caldarelli
Universidade Estadual de Londrina
caldarelli@gmail.com

Recebido em 29/01/2013. Aceito em 16/06/2014.
Avaliado pelo sistema blind review
Avaliador científico: Cristina Lelis Leal Calegario

ABSTRACT

In this work, we aimed to characterize the exporter profile of the agribusiness in the State of Mato Grosso do Sul, identifying which segments show comparative advantage - competitiveness -, who are the most competitive partners, as well as the developed marketing-type. The used methodology allowed the assessment, from *ex post* data, of the competitive performance of the agribusiness segments, as well as the strengths, weaknesses, and neutral points in commercial relations of the State. We used the following indexes: Gini-Hirschman, revealed comparative advantage (RCA), contribution for commercial balance (CB), coverage rate (CR), and intra-industry trade (IIT). According to results, exportations showed a strong dependence to the agribusiness, with predominance of segments of meat, soybean complex, sugar ethanol complex and cellulose. Exportations were found to be increasing over the last 15 years, however, with the parallel reduction of predominance of agribusiness segments in recent years. Therefore, we can conclude by saying that important segments for the agribusiness in the State show high contribution for commercial balance, but, the low competitiveness signalizes need of investments in this sectors for a good performance of the State in the foreign trade.

Palavras-chave: Agronegócio, exportações, competitividade.

Keywords: Agribusiness, exportations, competitiveness.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os dados do PIB e da balança comercial caracterizam o agronegócio como um dos principais segmentos mais produtivos da economia brasileira, no que concerne à geração de renda e divisas. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA (2013), a participação do agronegócio no PIB nacional, 22,15% em 2011, auxilia a projeção da economia do País para o resto do mundo, uma vez que o posiciona entre os maiores produtores e

exportadores, principalmente no que se refere à produção e exportação de alimentos.

Neste contexto, em Mato Grosso do Sul, de acordo com a Secretaria de Estado, de Meio Ambiente, de Planejamento, da Ciência e Tecnologia - SEMAC (2012), a participação da atividade primária (Agropecuária¹) no PIB

¹Agropecuária é composta pela somatória das contas de produção da Agricultura, da Silvicultura e do Extrativismo Vegetal, da Pecuária, da Pesca e da Produção de Origem Animal, conforme fórmula abaixo: Atividade = Σ VBP - Σ CI = VA (SEMAC, 2012).

do Estado foi de 15,45% em 2010. Em 2009, a agricultura alcançou valor bruto de produção de R\$ 4,4 bilhões, sendo que a produção de soja corresponde a 59,9%, cana-de-açúcar 18,79% e milho 11,74%. Os três cultivos juntos representam 90,43% do valor bruto de produção do Estado.

A participação de Mato Grosso do Sul, em 2010, no cenário do comércio exterior brasileiro foi de 1,47% do total das exportações do País, equivalendo a cerca de US\$ 2,9 bilhões. Já a participação das importações foi de 1,86%, aproximadamente US\$ 3,4 bilhões. Observa-se que os principais itens de exportação do Estado são as *commodities* agrícolas, minérios e produtos de origem animal (BRASIL, 2011). Em 2011, as exportações alcançaram US\$ 3,9 bilhões, enquanto as chegaram a US\$ 4,5 bilhões, representando uma participação de 1,52% nas exportações e 1,99% das importações totais do País.

Entretanto, de acordo com dados de Brasil (2011) e SEMAC (2012), mesmo predominantes na pauta de exportações do Estado, os itens do agronegócio apresentam redução nas taxas de crescimento de suas exportações nos últimos anos. O estudo de tal fenômeno é de extrema importância para a economia de Mato Grosso do Sul, uma vez que o agronegócio apresenta-se como um dos setores mais dinâmicos e importantes para a economia do Estado.

Objetiva-se, no presente estudo, caracterizar o perfil exportador do agronegócio de Mato Grosso do Sul. Especificamente, busca-se identificar quais segmentos possuem vantagens comparativas reveladas – competitividade –, quem são os parceiros mais representativos, assim como o tipo de comércio que se realiza.

Este estudo busca ampliar a compreensão sobre a posição competitiva de Mato Grosso do Sul, em relação ao comércio exterior e as características das relações de comércio do Estado. No âmbito da competitividade internacional, a elaboração de indicadores de desempenho para o agronegócio, possibilita uma análise mais detalhada das vantagens e desvantagens que o Estado possui em relação a cada segmento exportador. Ademais, pretendem-se identificar segmentos que mais carecem de políticas públicas, ou seja, principais gargalos no setor exportador do Estado.

Este estudo busca responder à seguinte questão: *Por que o agronegócio perde espaço na pauta de exportações de Mato Grosso do Sul?* A hipótese adotada é que o Estado tem diversificado sua pauta de exportações e com isso intensificado as vendas de produtos com algum grau de elaboração, não perdendo a posição competitiva

em produtos básicos, por sua vez.

Justifica-se este estudo pela importância do agronegócio para o desenvolvimento econômico e social de Mato Grosso do Sul, assim como pela emergente necessidade de identificar quais os setores-chave no contexto do comércio exterior do Estado, ou seja, os mais competitivos, em termos de VCR, e potenciais propulsores do comércio externo no Estado. Não obstante o agronegócio figurar como setor-chave na geração de emprego e renda em Mato Grosso do Sul, estudos que visam à caracterização e análise das relações de comércio no Estado são relativamente escassos na literatura, fato que também justifica a realização deste estudo.

2 COMPETITIVIDADE

Observa-se nas últimas décadas uma maior integração das nações e uma intensificação nas relações comerciais. Esse processo associa-se à diversificação das exportações e formas de participação dessas nações no comércio exterior. Cabe destacar, neste sentido, os países em desenvolvimento que diversificam suas atividades produtivas. Ademais, esses países intensificam a exploração de suas vantagens comparativas, ou competitividade. Observa-se que tais nações apresentam crescimento do PIB mais elevado que as demais nações, o que sinaliza uma relação positiva entre competitividade, exportações e crescimento econômico (FERDOUS, 2011).

A formulação de uma estratégia competitiva, portanto, tem que essencialmente relacionar uma empresa ao seu meio, mesmo que esse seja muito amplo na medida em que abrange forças sociais e econômicas. Nesse ambiente, a empresa deve ter seu foco principal naqueles com quem ela compete, sendo que as forças externas se mostram relativamente significativas, uma vez que, geralmente, afetam todas as empresas. Dessa forma, o ponto básico está nas diferentes habilidades que cada empresa possui em lidar com elas (PORTER, 1986).

Segundo Coronel, Machado e Carvalho (2009) a posição competitiva de um setor é fundamental para que esse mantenha a sua participação de mercado, especialmente no caso das *commodities*. Nesse segmento além de serem exploradas as vantagens naturais favoráveis, devem-se intensificar os ganhos de competitividade. Isso passa por uma série de ajustes ao longo da cadeia produtiva, tais ganhos agregam competitividade ao bem. De forma agregada, Hausmann, Hwang e Rodrik (2007) confirmam essa proposição e apontam que os ganhos da globalização dependem de como os países produzem, ou seja, a posição

competitiva global e respectivos ganhos advindos de uma maior intensificação do comércio internacional dependem da posição competitiva adequada dos países.

De acordo com Jank e Nassar (2000), em uma economia aberta, o problema da competitividade não está limitado aos produtos exportáveis ou exportados, uma vez que o mercado interno é fortemente afetado pela concorrência das importações de produtos e pela dinâmica de entrada de novas empresas multinacionais. Assim, a competitividade, como capacidade de sobrevivência e crescimento nos mercados, é resultado das estratégias competitivas adotadas, incluindo-se, nesse caso, controle de custos, produtividade, pesquisa/desenvolvimento e capacitação, entre outras variáveis. Nesse sentido, assim como apontado por Krugman (1996) as condições de competitividade de um país estão ligadas, de uma maneira geral, à produtividade, a economias de escala e de escopo, que podem ser resumir em vantagens de custo.

A produtividade está no centro da conceituação de competitividade sendo que ambas, produtividade e competitividade, são frutos da utilização e disseminação de inovações tecnológicas, institucionais e organizacionais, envolvendo aspectos internos à firma como a gestão da produção e da inovação em processos, produtos e na própria gestão empresarial (CALDARELLI; CAMARA; SEREIA, 2009). Para Silva e Hidalgo (2012) a deficiência ou falta de competitividade, que pode estar associada a diversos fatores, é um dos fatores que comprometem a participação de setores de uma economia no comércio exterior.

Hidalgo et al. (2007) destacam que as economias crescem entre outros fatores, pela modernização do produto que exportam. Dessa forma, torna-se muito importante intensificar as exportações dos bens/segmentos com as maiores vantagens comparativas e a busca pela melhoria contínua, em diferentes aspectos, de vantagens comparativas. Tal fato justifica o crescimento acelerado de países que exploram continuamente setores competitivos. Os resultados desse estudo são bastante relevantes, pois revelam que a transformação estrutural das economias passa pela identificação de setores potenciais geradores para essa transformação.

Para Coutinho et al. (2005) mesmo que as vantagens competitivas se estabeleçam por meio das empresas, estas empresas estão baseadas em um determinado território, que geram determinantes influenciadores de competitividade para a empresa e, conseqüentemente, ao território. Assim, pode-se definir que a vantagem competitiva de uma nação é determinada

pelas características decisivas que permitem às empresas/indústrias, baseadas em seu território, criar e manter vantagens competitivas em determinados campos.

O conceito de desempenho ou competitividade revelada *ex post* está relacionada às vantagens comparativas, sendo estabelecidas de forma indireta através dos fluxos de comércio internacional. Sendo assim, expressam a participação de mercado (*market share*), tendo por base transações comerciais já ocorridas (*ex post*), revelando em que são competitivas as empresas, indústrias ou países que ampliaram sua participação na oferta de determinado produto, em certo momento do tempo (HAGUENAUER; FERRAZ; KUPFER, 1996).

3 EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO DE MATO GROSSO DO SUL

O Mato Grosso do Sul apresenta, ao longo dos últimos anos, *déficit* na balança comercial, ou seja, as exportações são inferiores às importações. Nos últimos 12 anos, o saldo da balança comercial do Estado foi positivo somente em 2000, 2003 e 2005. Em 2009, as exportações tiveram uma queda de 7,54% enquanto as importações reduziram 26,95%. Essa redução indica que as exportações têm melhor desempenho frente às importações.

O saldo da balança comercial do agronegócio no Estado apresenta comportamento diferente em comparação ao saldo da balança comercial total, uma vez que se mostra positivo, ou seja, o Estado exporta mais produtos do que importa. Na Tabela 1, é possível visualizar os valores da balança comercial do agronegócio no Estado nos últimos cinco anos.

As exportações do agronegócio apresentaram uma evolução de 172% quando compara-se o ano de 2011 com o ano de 2007. Nesse período, somente em 2009, não ocorreu crescimento em relação ao ano anterior, pois as exportações apresentaram um declínio de 5,2%. As importações apontaram crescimento de 95% no mesmo período, e, a exemplo das exportações em 2009, apresentou uma queda de 16%. A participação das importações na balança comercial do agronegócio do Estado foi, em média, 9,8% do total comercializado.

Deste modo, percebe-se que o saldo da balança comercial do agronegócio é amplamente favorável no Estado nos últimos anos. Isso indica que o comércio internacional de Mato Grosso do Sul possui uma forte dependência do agronegócio, principalmente no que se refere às exportações, uma vez que das exportações totais do Estado em 2010 e 2011, 88% e 83%, respectivamente, foram geradas pelo setor.

TABELA 1 – Balança Comercial do Agronegócio em Mato Grosso do Sul – US\$ 1.000

| | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|--------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| Exportações | 1.193.827 | 1.711.480 | 1.622.013 | 2.610.051 | 3.242.471 |
| Importações | 181.064 | 199.601 | 167.616 | 236.664 | 353.041 |
| Total | 1.374.891 | 1.911.081 | 1.789.629 | 2.846.715 | 3.595.512 |
| Saldo | 1.012.763 | 1.511.879 | 1.454.397 | 2.373.387 | 2.889.430 |

Fonte: Elaborado pelo autor com dados do AgroStat (BRASIL, 2012a)

Em 2010, a exportação de produtos básicos chegou a 64,7% do total exportado pelo Estado, enquanto que os produtos industrializados alcançaram 35,2% sendo que os semimanufaturados corresponderam a 82% e os manufaturados 18% do total industrializado. No ano de 2011, o Estado mantém o padrão do ano anterior exportando: 62,4% de produtos básicos e 37,6 de produtos industrializados (semimanufaturados 87% e manufaturados 13%).

A despeito de a indústria do Estado ser impulsionada pela agropecuária, de acordo com Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso do Sul - FIEMS (2012), a maioria dos produtos industrializados exportados pelo Mato Grosso do Sul tem origem agropecuária. Os produtos do complexo carne, açúcar e álcool e papel celulose representaram 67,7% das exportações em 2011 (US\$ 1,9 bilhões), em torno de 23,16% a mais que em 2010.

Ainda, de acordo com a FIEMS, o Complexo Carne foi responsável por 27,9% do total da receita obtida pelo Estado com a exportação de industrializados, representando uma expansão em receita equivalente a US\$ 36,9 milhões ou 4,8%. O segmento *açúcar e álcool*, em 2011, alcançou o equivalente a US\$ 686,9 milhões, indicando, sobre 2010, um crescimento nominal de 81,8% na receita, resultando um valor adicional de US\$ 308,9 milhões. No segmento de papel e celulose, o destaque ficou por conta da pasta química de madeira semibranqueada, que registrou uma receita de exportação equivalente a US\$ 421,3 milhões ou 92,8% das vendas totais do grupo. A indústria de óleos vegetais em bruto e refinado gerou, em 2011, uma receita de exportação equivalente a US\$ 106,2 milhões, apontando um crescimento nominal de 74,5% sobre 2010, quando a receita total foi igual a US\$ 60,9 milhões. O destaque ficou por conta das vendas de óleo de soja bruto com US\$ 98,3 milhões, representando 92,6% da receita total do grupo. Proporcionando, em comparação a 2010, uma receita adicional equivalente a US\$ 45,0 milhões (FIEMS, 2012).

4 METODOLOGIA

A metodologia adotada visa integrar as definições da OMC, MAPA e IBGE, baseia-se no aporte teórico de Hoffmann et al. (1985 apud ARAÚJO, 2003; LOURENÇO, 2012; PARRÉ et al., 2012) e agregação definida por Brasil (2012a). Dessa forma, espera-se contemplar os produtos da NCM que pertencem à cadeia produtiva de uma matéria-prima agropecuária, independentemente do nível de agregação. Assim, esse estudo considera, para análise, os capítulos: 1 a 24, 41, 44, 47, 48, 52 e 53, no total de 30 – Quadro 1.

Utilizam-se dados do comércio exterior, disponibilizados pela SECEX/MDIC, por meio do sistema Análise das Informações de Comércio Exterior, denominado Alice Web2. Sendo que os valores coletados são relativos ao período de 1997 a 2011, em valores totais anuais por capítulos (SH 2 dígitos) em valores nominais expressos em Dólar Americano (US\$) sob a condição de preço FOB.

Para o objetivo deste estudo, diferentes indicadores serão utilizados:

Coefficiente de concentração das exportações: Índice de Gini-Hirschman: Utiliza-se esse coeficiente para medir o nível de concentração das exportações do Estado, tanto em relação aos produtos quanto aos mercados de destino. De acordo com Silva e Montalván (2008), esse coeficiente também é empregado como uma medida de concentração industrial. Love (1979 apud SILVA; MONTALVÁN, 2008), indica que o índice de concentração por produtos (ICP) deve ser calculado de acordo com a seguinte expressão:

$$ICP = \sqrt{\sum_i \left[\frac{X_{ij}}{X_j} \right]^2}$$

Onde: X_{ij} representa as exportações do bem i pelo MS j e X_j representa as exportações totais de MS j . Sendo que o

QUADRO 1 – Capítulos do agronegócio em Mato Grosso do Sul

| Nº Capítulo | Descrição Capítulo |
|--------------------|--|
| 01 | Animais vivos. |
| 02 | Carnes e miudezas, comestíveis. |
| 03 | Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos. |
| 04 | Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animais, não especificados nem compreendidos em outros capítulos. |
| 05 | Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros capítulos. |
| 06 | Plantas vivas e produtos de floricultura. |
| 07 | Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, comestíveis. |
| 08 | Frutas; cascas de cítricos e de melões. |
| 09 | Café, chá, mate e especiarias. |
| 10 | Cereais. |
| 11 | Produtos da indústria de moagem; malte; amidos e féculas; inulina; glúten de trigo. |
| 12 | Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens. |
| 13 | Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais. |
| 14 | Matérias para entrançar outros produtos de origem vegetal e produtos de origem vegetal, não especificados nem compreendidos em outros capítulos. |
| 15 | Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal. |
| 16 | Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos. |
| 17 | Açúcares e produtos de confeitaria. |
| 18 | Cacau e suas preparações. |
| 19 | Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou de leite; produtos de pastelaria. |
| 20 | Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas. |
| 21 | Preparações alimentícias diversas. |
| 22 | Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres. |
| 23 | Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais. |
| 24 | Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados. |
| 41 | Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros. |
| 44 | Madeira, carvão vegetal e obras de madeira. |
| 47 | Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão de reciclar (desperdícios e aparas). |
| 48 | Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão. |
| 52 | Algodão. |
| 53 | Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fio de papel. |

Fonte: Elaborado pelo autor com dados de Brasil (2011)

valor desse índice está definido no intervalo entre 0 e 1. Se uma economia apresenta um índice ICP elevado significa que as suas exportações estão concentradas em poucos produtos. Por outro lado, quanto menor o índice ICP, maior é a diversificação de produtos na pauta das exportações.

O índice de concentração por países de destino, ICD, mede o grau de concentração das exportações entre os países importadores. Segundo Love (1979 apud SILVA; MONTALVÁN, 2008), o ICD é calculado da seguinte maneira:

$$ICD = \sqrt{\sum_i \left[\frac{X_{ij}}{X_j} \right]^2}$$

Onde: X_{ij} representa as exportações de MS j para o país i e X_j representa as exportações totais de MS j . Um ICD alto significa que um número pequeno de parceiros comerciais possui grande importância na pauta das exportações do Estado. Por sua vez, um ICD baixo reflete uma participação mais equilibrada nos mercados. Nesse caso, o equilíbrio propicia ao Estado uma proteção, estando menos sujeito às oscilações dos mercados.

Vantagem Comparativa Revelada: Pelo Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR), calcula-se a participação das exportações de dado produto de determinada região, em relação à participação dessa região, no total das exportações do País. Quanto maior for o volume exportado de determinado produto por uma região, com relação ao volume total exportado desse mesmo produto, maior será a vantagem comparativa na produção desse bem.

O índice de VCR, para uma região j , em setores econômicos i , pode ser definido da seguinte forma:

$$VCR_{ij} = \frac{\frac{X_{ij}}{X_{iz}}}{\frac{X_j}{X_z}}$$

Onde: X_{ij} é o valor das exportações do produto i pelo MS, X_{iz} é o valor das exportações do Brasil para o produto i , X_j é o valor total das exportações de MS e X_z é o valor total das exportações do Brasil. Os resultados obtidos através da fórmula do VCR são, por definição, assimétricos. De forma que a vantagem comparativa assume valores que variam entre 1 e infinito, enquanto que a desvantagem comparativa varia apenas entre 0 e 1 (LAURSEN, 1998). Dessa

maneira, pode-se dizer que o Estado apresentará vantagem comparativa revelada na exportação do produto i se o valor do índice for superior a 1, ao passo que apresentará desvantagem comparativa revelada no produto, se o valor do índice for inferior a 1.

Contribuição para o Saldo Comercial: O índice de contribuição para o saldo comercial (ICS), definido por Lafay (1990), consiste na comparação do saldo comercial observado de cada produto, ou grupo de produtos, com o saldo comercial teórico desse mesmo produto.

De acordo com Xavier (2012), o ICS é um tipo de indicador que não sofre interferências das variações das taxas reais de câmbio e/ou juros, independente da conjuntura macroeconômica e pode ser utilizado de modo intertemporal na comparação de diferentes padrões de especialização dos países. O ICS é apresentado da seguinte maneira:

$$CS = \frac{100}{X + M} \left[(X_i - M_i) - (X - M) \frac{(X_i + M_i)}{X + M} \right]$$

Onde: X representa as exportações totais de MS, M representa as importações totais de MS, X_i representa as exportações do setor i efetuadas pelo MS e M_i representa as importações desse mesmo setor. Os valores positivos para esse índice indicam que o Estado apresentará vantagens comparativas no setor em questão. Caso o indicador seja negativo, o Estado não possuirá vantagem comparativa no mesmo. Desse modo, espera-se que os produtos mais exportados sejam aqueles que mais contribuam para o saldo comercial, e que também possuam maiores vantagens comparativas (COSTA et al., 2012).

Taxa de Cobertura: Segundo Gutman e Miotti (1996 apud HIDALGO, 1998). O cálculo da taxa de cobertura (TC) permite determinar os pontos fortes e fracos na especialização de uma economia regional. A TC do produto i é definida da seguinte forma:

$$TC_i = \frac{X_i}{M_i}$$

Onde: X_i são exportações do produto i ou do grupo de produtos de MS e M_i são as importações do produto i ou do grupo de produtos de MS.

De acordo com Martins et al. (2010), os produtos que apresentam, simultaneamente, VCR e TC superiores à unidade são considerados pontos fortes da economia. São definidos como pontos fracos os produtos que apresentam,

simultaneamente, desvantagem comparativa revelada e taxa de cobertura inferior à unidade. Os produtos definidos como pontos fracos são de baixa representatividade na economia da região. Os produtos que possuem vantagem comparativa superior à unidade e taxa de cobertura inferior à unidade, ou vice-versa, são classificados como pontos neutros na economia.

Índice de Comércio Intraindústria: De acordo com Martins et al. (2010), o comércio do tipo intraindustrial refere-se ao fluxo de bens em uma mesma indústria ou setor. Por um lado, quando as trocas ocorrem entre diferentes setores de atividades, ocorre o chamado comércio do tipo interindustrial. Pelo resultado do índice proposto por Grubel e Lloyd (1975), torna-se possível classificar o comércio praticado por uma economia em intraindústria ou interindústria. O Índice é representado da maneira abaixo:

$$GL_i = \frac{(X_i + M_i) - |X_i - M_i|}{X_i + M_i}$$

Onde: X_i representa o valor exportações da indústria i , M_i representa o valor importações da indústria i , $(X_i + M_i)$ indica o comércio total da indústria i , $(X_i + M_i) - |X_i - M_i|$ representa o comércio intraindústria e $X_i - M_i$ representa o comércio interindústria. O valor do índice está contido no intervalo 0 e 1. De acordo com Caldarelli e Miranda (2009), quando o índice sinaliza valores próximos de 0, indica que o comércio apresenta características de interindustrial, podendo ser descrito pela teoria de Heckscher-Ohlin. Por outro lado, quando o índice assume valores próximos de 1 isso sinaliza que o comércio é do tipo intraindustrial.

O critério usado para a determinação do padrão de comércio, com base no referido índice é o mesmo empregado por Hidalgo (1993), onde se identifica o comércio intraindustrial quando o valor for maior do que 0,5 ($GL > 0,5$), e interindustrial quando o valor for menor do que 0,5 ($GL < 0,5$). Paralelamente, o índice agregado de comércio intraindústria, para toda a economia, é representado da seguinte forma:

$$CIIA_i = 1 - \frac{\sum_i |X_i - M_i|}{\sum_i (X_i + M_i)}$$

Onde: X_i representa as exportações do produto i pelo MS e M_i representa as importações do produto i pelo MS. O valor desse índice varia de 0 a 1, sendo que todo o comércio será do tipo interindústria, caso o valor seja inferior a 0,5 e será intraindústria, se o valor for igual ou superior a 0,5.

5 RESULTADOS

A análise dos dados mostra que a participação do agronegócio nas exportações do estado do Mato Grosso do Sul, em média, foi de 87%, ao longo do período analisado, sendo somente inferior à casa dos 80% no ano de 1998, quando alcançou 74%. Nos demais anos, manteve-se acima desta marca, atingindo 94%, em 2001. Essa participação é mais que o dobro que a participação do setor nas exportações brasileiras.

Em 1997, as exportações totais de Mato Grosso do Sul alcançaram o valor de US\$ 383,7 milhões, enquanto que as exportações do agronegócio do Estado somaram US\$ 338,8 milhões. Em 2011, o Estado contabilizou, em exportações totais, o valor de US\$ 3,9 bilhões, com as exportações do agronegócio chegando a US\$ 3,2 bilhões.

Ao se comparar o último ano da série, 2011, ao primeiro, 1997, observa-se uma variação de 920,66% nas exportações totais, ao passo que as exportações do agronegócio cresceram 854,56%. Esse crescimento representou uma variação média anual de 16,75% nas exportações totais e 16,23% nas exportações do agronegócio. A variação maior das exportações totais indica que a participação nas exportações de produtos de outros setores, em valores monetários, está aumentando, o que demonstra uma tendência de queda na participação dos produtos do agronegócio no total exportado.

Em linha com tal evidência, estudos como de Hidalgo et al. (2007) e Krugman (1996), mostram que a medida que os países participam mais ativamente do comércio internacional, esses intensificam seus ganhos de escala e escopo e buscam participar do comércio exterior com produtos mais elaborados, ou seja, com grau de agregação de valor maior.

5.1 Coeficiente de Concentração das Exportações por Segmento - (IGH)

A participação do agronegócio nas exportações do estado do Mato Grosso do Sul é caracterizada pela comercialização em uma grande diversidade de segmentos (capítulos na nomenclatura NCM), uma vez que, dos trinta capítulos selecionados, como aqueles que compõem a pauta de exportação do agronegócio no Estado, somente o capítulo 24-Fumo, não apresentou comercialização em nenhum dos anos da análise.

O índice de Gini-Hirschman indica que as exportações do Estado apresentaram uma tendência de desconcentração, no que tange aos segmentos, e isso significa que o Estado possui uma maior variedade de segmentos com potencial de comercialização no mercado externo.

Apesar de os indicadores apontarem para a desconcentração em termos de capítulos, vale ressaltar que, em 2011, apenas quatro capítulos foram responsáveis por cerca de 80% das exportações do Estado. Isso indica que, em números de segmentos, ocorre uma desconcentração, todavia o valor total das exportações, predominantemente, é concentrado em poucos capítulos.

Em relação aos parceiros comerciais, a análise das exportações por países mostra que o Estado exportou seus produtos para 181 nações, tanto no total das exportações, quanto nas específicas do agronegócio. Da mesma maneira que ocorre uma tendência de desconcentração em termos de segmentos, o mesmo pode ser observado em relação aos destinos das exportações, uma vez que é significativo o número de países com os quais o Estado manteve relações comerciais, ao longo do período analisado. Os resultados do índice Gini-Hirschman confirmam a existência de desconcentração, em relação ao número de parceiros comerciais. Entretanto, considerando os volumes exportados observa-se certa dependência das exportações em relação a alguns poucos países. A Tabela 2 apresenta os quatro principais países importadores do agronegócio do estado.

É possível observar (Tabela 2) que os quatro principais países importadores de produtos do Estado responderam, em 1997, por 60,91% das exportações, enquanto que, em 2011, esse percentual caiu para 41,15%. Em 1997, o principal destino das exportações do Estado foram os Países Baixos (Holanda), com valor de US\$ 145,9 milhões, o que representou uma participação de 43,07% na pauta, seguidos de Alemanha (6,58%), França (6,39%) e Japão com 4,87%, ou seja, o principal destino eram os países da União Europeia. Os demais países apresentavam uma participação de 39,09%.

Em 2011, o principal importador foi a República Popular da China, com participação de 23,84%, (US\$ 771,1 milhões). Os Países Baixos representaram 7,24% enquanto a Federação da Rússia participou com 5,37% e a República Islâmica do Irã com participação de 4,75% no total das exportações.

Em 2011, os principais capítulos exportados para a China foram: capítulo 12-Oleaginosos, com o item outros grãos de soja, mesmo triturados, no valor de US\$ 532,1 milhões; capítulo 17-Açúcares, com o item açúcar de cana, em bruto, com valor de US\$ 54,6 milhões; capítulo 15-Óleos animais ou vegetais, com óleo de soja, em bruto, mesmo de gomado, no valor de US\$ 48,3 milhões e o capítulo 02-Carnes, com o item pedaços e miudezas comestíveis de galos/galinhas, congelados, no valor de US\$ 33,1 milhões. Juntos, esses capítulos somaram o valor de US\$ 668,1 milhões, o que correspondeu a uma participação no total exportado de 86,64%.

De acordo com Hausmann, Hwang e Rodrik (2007), a estratégia competitiva de um país está relacionada, entre outros fatores, pela diversificação de seus parceiros comerciais, ou seja, ocorre participação mais ativa no mercado internacional.

5.2 Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

O Índice de VCR foi utilizado para analisar a especialização das exportações nos capítulos pertencentes ao agronegócio em relação às exportações totais do Estado.

O período da análise, de acordo com a metodologia deste trabalho, está compreendido em um intervalo de 15 anos, período de 1997 a 2011. Para tanto, considera-se que um determinado capítulo possua alguma vantagem comparativa se o valor calculado do índice for superior a 1 em, pelo menos, nove dos 15 anos, ou seja, mais

TABELA 2 – Principais países de destino das exportações do agronegócio de MS

| País Importador | 1997 Valor US\$ | Part. % | País Importador | 2011 Valor US\$ | Part. % | Var. % 1997/2011 |
|-----------------|--------------------|---------------|-----------------|----------------------|---------------|---------------------|
| Países Baixos | 145.922.887 | 43,07 | China | 771.111.514 | 23,84 | 428,44 |
| Alemanha | 22.309.658 | 6,58 | Países Baixos | 234.039.694 | 7,24 | 949,05 |
| França | 21.646.142 | 6,39 | Rússia | 173.695.442 | 5,37 | 702,43 |
| Japão | 16.484.160 | 4,87 | Irã | 152.137.410 | 4,70 | 822,93 |
| Outros | 132.467.083 | 39,09 | Outros | 1.903.339.549 | 58,85 | 1.336,84 |
| Total | 338.829.930 | 100,00 | | 3.234.323.609 | 100,00 | 854,56 |

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir dos resultados da pesquisa. Dados disponibilizados pelo sistema ALICEWEB (BRASIL, 2012b).

da metade do período em análise. No apêndice (Tabela 3), são apresentados os resultados obtidos por meio do cálculo do índice de VCR, aplicados aos trinta capítulos do agronegócio do estado do Mato Grosso do Sul.

Dos capítulos considerados como do agronegócio em MS, os capítulos 02-Carnes e 05-Outros produtos de origem animal apresentaram vantagens comparativas em todos os anos da análise. O capítulo 02-Carnes apresentou, em 1997, seu menor índice 1,14 e o maior, 3,71, em 2001. No último ano da análise, 2011, o índice foi 1,62, demonstrando, nos últimos anos, uma tendência de queda do indicador. Já o capítulo 05-Outros produtos de origem animal apresentou seu pior desempenho em 2010, com índice de 1,45 e seu melhor, em 1998, quando chegou a 6,91. Em 2011, o capítulo 05 apresentou índice de 1,47, mostrando uma pequena reação.

O capítulo 41-Peles apresentou vantagens comparativas em 13 dos 15 anos analisados, alcançando, em 1998, seu melhor desempenho, com índice de 3,65. Em 1997 e 2010, o capítulo apresentou desvantagem comparativa com indicadores de 0,73 e 0,96, respectivamente. Em 2011, o resultado foi 1,09, mostrando potencial de recuperação.

O capítulo 23-Resíduos apresentou vantagens comparativas em 12 dos 15 anos analisados, sendo que seu melhor desempenho foi em 2000, com índice de 4,15 e os piores foram 2004 e 2011, com índice de 0,73. Em 2010, o índice foi de 0,98, valor muito próximo à unidade, entretanto, com o resultado de 2011, ficou caracterizada a tendência de queda do indicador.

Já o capítulo 12-Oleaginosos alcançou vantagens comparativas em 11 dos 15 anos analisados, apresentando, em 1997, o valor de 2,67 como seu melhor resultado e 0,63, em 2002, como o pior. Esse capítulo apresentou, em 2009, o índice de 0,99. Tal resultado aponta uma desvantagem comparativa, porém muito próxima à unidade. O capítulo, nos demais anos, de 2004 a 2011, apresenta vantagem comparativa, mesmo com a queda nos indicadores, a partir de 2006.

Os capítulos 10-Cereais e 15-Óleos animais e vegetais apresentam vantagens em 9 dos 15 anos analisados. O capítulo 10 obteve, em 1997, o seu melhor índice 7,53 e, em 1999, o pior 0,11. Nos últimos seis anos, o capítulo apresentou vantagens comparativas, mantendo seu desempenho num intervalo de 4,0, em 2006 e 1,05, em 2009 e 2011. O capítulo 15 apresentou melhor desempenho em 2004, com índice de 2,34 e o pior, em 1999, com índice de 0,13. Nos últimos três anos, o capítulo mantém VCR estável com crescimento em 2011.

Os capítulos 01-Animais vivos, 13-Gomas vegetais, 14-Matérias vegetais, 17-Açúcares, 19-Farinhas, 22-Bebidas, 47-Pasta de celulose e 52-Algodão apresentaram, em alguns anos, vantagens comparativas, entretanto, não o suficiente para defini-los como possuidores de tais vantagens, ao longo do período analisado. Porém, desses capítulos, pode-se destacar o capítulo 47, uma vez que o Estado iniciou a exportação de seus produtos em 2009 e, nesses três anos, apresenta índices de VCR expressivos e constantes. Os demais capítulos da pauta de exportação não apresentaram vantagens comparativas no período analisado.

Deste modo, a análise dos índices de VCR aponta os capítulos 02, 05, 10, 12, 15, 23 e 41 como os que mais possuem vantagens comparativas nas exportações do Estado, por conseguinte, revela potencial de competitividade para os setores em que esses capítulos estão inseridos.

Por ser o VCR elaborado por meio de dados de exportações já realizadas – dados *ex post* –, esse possui algumas limitações, principalmente por não considerar algumas distorções presentes no comércio internacional, entre as quais as diferenças cambiais, os subsídios, as medidas protecionistas e as restrições tarifárias e não tarifárias. O VCR também não considera os valores referentes às importações do Estado. Por essa razão, e também, como subsídio à análise da competitividade e no sentido de atenuar as possíveis distorções do VCR, optou-se por agregar à análise a medida da taxa de cobertura (TC), apresentada a seguir.

5.3. Taxa de Cobertura (TC)

Os dados apresentados no apêndice (Tabela 4) se referem aos índices de TC dos capítulos do agronegócio, onde se destacam os capítulos 02-Carnes, 05-Outros produtos de origem animal, 12-Oleaginosos e 23 - Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares - que apresentaram valores de Taxa de Cobertura superiores à unidade nos 15 anos analisados. Desses, destacam-se os valores obtidos ao longo da série pelo capítulo 23, principalmente no ano de 1997, quando o índice atingiu o valor de 30.433,66. O menor índice atingido pelo capítulo foi em 2004 (82,41), sendo que, em 2011, o índice foi de 5.091,87.

O capítulo 15-Óleos animais ou vegetais somente não apresentou índices superiores à unidade nos dois primeiros anos de análise, mantendo-se num intervalo de 4,05 em 2011 a 181,22 em 2008. Os capítulos 10-Cereais e 21-Preparações alimentícias

apresentaram índices superiores à unidade em 11 e 10 anos da análise.

Os capítulos 16-Preparações de carnes e 22-Bebidas encerram a lista dos capítulos considerados como pontos fortes na economia estadual, com índices superiores à unidade em 9 dos 15 anos analisados, sendo que o capítulo 22 apresentou índices elevados nos três últimos anos da série, e, em 2010, alcançou o resultado de 1.322,48. Os demais capítulos apresentaram índices superiores à unidade, porém de forma esporádica, como é o caso dos capítulos 01-Animais vivos, 03-Peixes, 06-Plantas vivas, 08-Frutas, 09-Café, 11-Maltes, amidos e féculas, 17-Açúcares, 18-Cacau, 19-Preparações a base de cereais, 41-Peles, 48-papel e 52-Algodão. Entre esses, destaca-se o capítulo 17 com quatro índices com valores que variam entre 2.369,98, em 1998, a 8.674,11, em 2008. Também se destaca o capítulo 52, com índice de 31.538,05, em 2001, e 1.273,32, em 2002.

Os capítulos 02, 05, 12 e 23 alcançaram índices positivos em todos os anos da série, sendo que os capítulos 02 e 05 já foram, anteriormente, destacados nos resultados de VCR. Sendo assim, nesta análise, dar-se-á destaque aos capítulos 12 e 23. Esses capítulos são compostos por produtos de origem da agricultura, basicamente a cultura da soja, com exceção de farinhas, pós e pellets, de carnes, de miudezas, de peixes ou crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos, impróprios para alimentação humana; torresmos. -, do capítulo 23 que são de origem de atividades de pecuária e/ou aquicultura.

No apêndice (Tabela 5), estão agrupados os capítulos que possuem de acordo com tais critérios, simultaneamente, VCR e $TC > 1$. Ou seja, possuem vantagens comparativas e são pontos fortes da economia do Estado.

Observa-se, na Tabela 5, que os únicos capítulos que apresentaram simultaneamente VCR e $TC > 1$, em todos os anos foram: capítulos 02 e 05. O capítulo 10, no período analisado, apresentou VCR e $TC > 1$ simultâneos, nos anos de 1997, 2003 e 2006 a 2011, mostrando que, nos últimos seis anos, o capítulo apresenta uma tendência positiva de consolidação em termos de VCR e TC. Os capítulos 12 e 23 apresentam-se como pontos fortes da economia em todos os anos, apesar de, em alguns anos da análise, não apresentarem vantagens comparativas. O capítulo 15 possui o mesmo desempenho dos capítulos 12 e 23, porém, como nos dois primeiros anos da análise, o capítulo não possuiu importações, somente exportações, por isso não foi possível matematicamente defini-lo como

um ponto forte ou fraco da economia do estado do Mato Grosso do Sul.

5.4 Contribuição para o Saldo Comercial (CSC)

A análise dos resultados do ICSC, apresentada no apêndice (Tabela 6), mostra que os capítulos que mais contribuíram para o saldo comercial do Estado foram: capítulo 12-Oleaginosos; 17-Açúcares; 23-Resíduos das indústrias alimentares e 41-Peisque apresentaram índices positivos nos 15 anos da análise.

Os valores do índice para os capítulos 12 e 17 mostraram uma tendência de crescimento ao longo do período, sendo que o capítulo 12 apresentou seu melhor desempenho no ano de 2006 e o pior em 1997. Apresentou, também, uma evolução mais acentuada nos valores do que o capítulo 17 até o ano de 2010, já que, em 2011, esse capítulo teve seu melhor resultado. O capítulo 23 também apresentou trajetória descendente ao longo da série e seus melhores resultados ocorreram nos primeiros anos da série analisada. O capítulo 41 mostrou crescimento ao longo do período, porém, apesar dos resultados positivos, finaliza a série com uma tendência de baixa.

Outros capítulos como 05-Outros produtos de origem animal, 15-Óleos animais ou vegetais, 16-Preparações de carne e 22-Bebidas apresentaram índices positivos, em quase todo o período. Os demais capítulos apresentaram valores positivos esporádicos ou apresentaram valores muito baixos que não foram captados pelo número de casas decimais. Tais valores foram considerados como não contribuintes ao saldo comercial, como, por exemplo, os valores 0,00 (zero).

De acordo com Costa et al. (2012), valores positivos indicam que o Estado apresenta vantagens comparativas no setor e que os produtos mais exportados são aqueles que mais contribuem para o saldo comercial e, por sua vez, também possuem maiores vantagens comparativas. No entanto, não foi o que se observou na análise conjunta, uma vez que o capítulo 02-Carnes que possui maiores exportações em 2011 e, de acordo com o índice de VCR possui vantagens comparativas ao longo da análise, somente apresentou índices positivos de CS nos anos de 1997, 1999 e 2005, sendo que, nos demais anos, apresentou altos índices negativos. Já o capítulo 05-Outros produtos de origem animal, que de acordo com o índice de VCR também possui vantagens comparativas em todo o período, somente apresenta uma sequência positiva de índice de CS nos últimos seis anos da análise. O capítulo 10-Cereais, também apresenta bom desempenho do ponto de vista dos índices de VCR, no entanto, não possui

resultados positivos para índices de CS. Os capítulos 16, 17 e 22 apresentam índices de CS positivos relevantes, no entanto, não possuem indicadores de VCR que os posicionem com vantagens comparativas, exceto o capítulo 22 no triênio 1998, 1999 e 2000, quando a combinação VCR e CS é positiva.

Os capítulos 12, 15, 23 e 41 confirmaram a expectativa com resultados satisfatórios em termos de indicadores de VCR e CS, indicando que esses capítulos são, por esse critério, aqueles que possuem maior competitividade nas exportações do Estado.

5.5 Índice de Comércio Intraindústria: Índice de Grubel-Lloyd (IGL)

Na Tabela 7, são apresentados os resultados do cálculo de IGL para o Estado, em termos agregados e para os segmentos do agronegócio.

É possível observar (Tabela 7) que o tipo de comércio praticado pelo Estado é, predominantemente, o intraindustrial, somente em dois anos (1997 e 1999), apresentou o tipo de comércio interindustrial quando avaliadas as exportações e importações totais. No caso do agronegócio, em todo o período os indicadores apontam para comércio do tipo interindustrial.

O resultado é esperado quando se considera que o comércio interindustrial pode ser caracterizado como

aquele do tipo Hecksher-Ohlin, ou seja, do uso intensivo do fator abundante, como ocorre no caso de *commodities*.

Ao desagregar o comércio por capítulos percebe-se que a incidência de comércio do tipo intraindustrial realmente é baixa. As únicas exceções, nesse caso, foram os capítulos 44-Madeira e 52-Algodão. No caso do capítulo 44, a análise mostrou que o tipo de comércio predominante foi intraindustrial nos dois primeiros anos e nos quatro últimos. O capítulo 52 apresentou comércio intraindustrial nos últimos seis anos da análise. Ambos com tendência de aproximação dos valores dos índices unidade.

Esses dois fatores podem indicar uma tendência para consolidação futura de comércio intraindustrial, para esses dois capítulos. Os resultados para a caracterização do comércio exterior parecem corroborar o apontado em trabalhos como de Ferdous (2011), Hidalgo et al. (2007) e Krugman (1996), que apontam que o comércio exterior está relacionado ao crescimento econômico e que, à medida que esse processo se intensifica ocorre, como parte dessa estratégia competitiva, uma melhoria do produto e uma intensificação das relações comerciais; o que está em linha com o que se observa na tendência das exportações gerais do Estado, que é de intensificação comércio do tipo intraindustrial, no período em análise.

TABELA 7 – Índice agregado do comércio – Mato Grosso do Sul

| | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|----------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Total MS | 0,48 | 0,95 | 0,42 | 0,77 | 0,75 | 0,95 | 0,99 | 0,91 | 0,91 | 0,74 | 0,74 | 0,73 | 0,84 | 0,93 | 0,93 |
| Agro MS | 0,12 | 0,28 | 0,19 | 0,21 | 0,09 | 0,19 | 0,22 | 0,20 | 0,14 | 0,21 | 0,25 | 0,20 | 0,16 | 0,16 | 0,18 |

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir dos resultados da pesquisa. Dados disponibilizados pelo sistema ALICEWEB (BRASIL, 2012b)

6 CONCLUSÕES

Objetivou-se neste artigo, identificar quais produtos da pauta de exportação do agronegócio de Mato Grosso do Sul possuem maior competitividade, assim como quais os principais parceiros comerciais e tipo de comércio predominante no Estado.

As exportações do Estado demonstram crescimento ao longo dos últimos quinze anos, com taxa média anual superior ao das exportações do País. Há forte predominância dos segmentos (Capítulos) do agronegócio nas exportações do Estado, embora venha sendo reduzida, nos últimos anos, com o crescimento da participação de outros setores da economia.

Em relação aos segmentos exportados, o Estado possui baixo índice de concentração, mostrando que, dos trinta capítulos selecionados como do agronegócio, o Estado possui comercialização em vinte e nove, sendo que o capítulo sem comercialização é o 24 - Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados, que não possuem cultivo no Estado.

Apesar da desconcentração por segmentos, ainda há concentração de valores em relação aos quatro capítulos (02-Carnes, 12-Oleagenosos, 17-Açúcares, 47-Pasta de celulose) de maior exportação em 2011. Isso se observa ao longo dos quinze anos, porém observa-se uma tendência de distribuição mais uniforme dos valores entre os principais capítulos, nos últimos anos.

No que se refere aos destinos das exportações, tem-se uma desconcentração nos últimos anos, pois os produtos vêm sendo comercializados com um maior número de países. Entretanto, ainda há concentração de valores em alguns poucos países, situação essa que vem sendo reduzida.

Em 1997, a Europa, principalmente os Países Baixos, era o principal mercado das exportações do estado de Mato Grosso do Sul, ao passo que, em 2011, a Ásia, principalmente a China, ocupa o posto de maior mercado importador do Estado.. Essa mudança de rumo das exportações foi impulsionada principalmente pela China, que, desde 2005, é o maior importador do setor do agronegócio do Estado.

Os segmentos predominantes nas exportações do Estado são: carne, principalmente carnes desossadas de bovinos e pedaços e miudezas comestíveis de galos e galinhas; complexo soja com destaque para a soja em grão e do complexo sucroalcooleiro em que se destaca a exportação de açúcar de cana em bruto.

A partir de 2009, o segmento de celulose (silvicultura de eucalipto) apresenta uma forte inserção no comércio exterior do Estado, tornando-se a quarta força exportadora,

com destaque para Pasta química de madeira não conífera, a soda/sulfato, semibranqueada.

Os segmentos que mais contribuem para o saldo comercial do Estado são os capítulos 12-Carnes, 17-Açúcares, 23-Resíduos das indústrias alimentares e 41-Peles, sendo que os melhores resultados são alcançados pelos capítulos 12 e 17. Na contribuição para o saldo, também os capítulos 15-Óleos animais ou vegetais e 47-Pasta de celulose mostram bom desempenho.

Os segmentos representados pelos capítulos 16-Preparações de carnes, 17-Áçúcares, 21-Preparações alimentícias e 22-Bebidas apresentam resultados favoráveis em termos de taxa de cobertura e/ou contribuição para o saldo, entretanto não possuem vantagens competitivas no mercado externo, o que sinaliza a necessidade de investimentos que propiciem ganhos de competitividade.

Estes segmentos representam setores de produtos industrializados, o que pode significar que a baixa competitividade está relacionada à oferta, ou seja, deficiência de produção ou, até mesmo, relacionadas ao câmbio e barreiras tarifárias e não tarifárias.

Deste grupo, o capítulo 17-Açúcares é aquele que mais se destaca, ele foi justamente um dos setores que mais receberam investimentos nos últimos anos no Estado. O aumento da capacidade produtiva começa a fazer efeito na oferta e impulsiona o segmento para o alcance de competitividade no comércio internacional.

O segmento de cereais, capítulo 10, representado principalmente pelo milho, é outro setor de destaque na economia do Estado, principalmente pelo bom desempenho de produtividade do milho safrinha. Esse segmento nos últimos anos tem demonstrado vantagens competitivas apesar de uma tendência de queda nessa vantagem, uma vez que a cultura sofre grande concorrência da soja, por essa ter alcançado, nos últimos anos, preços recordes no mercado internacional.

O tipo de comércio predominante, no agronegócio de Mato Grosso do Sul é o interindustrial. Esse resultado era esperado devido ao uso intensivo de um fator abundante, as *commodities* agrícolas, característica predominante no agronegócio nacional. As relações comerciais do agronegócio apresentam reduzidas importações dentro do setor, em média 10% ao ano, em relação ao total exportado. Isso evidencia a característica unilateral do comércio internacional do agronegócio do Estado, ou seja, um comércio de uma única via (exportações).

A participação do agronegócio nas exportações do Estado pode ser dividida em três momentos: primeiro, de 1997 a 2004, com o segmento carne e complexo

soja, principalmente, bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja; segundo, a partir de 2005, ocorre o crescimento acentuado da participação do setor sucroalcooleiro com as exportações de açúcar, consolidando-se junto aos segmentos carne e soja como os principais exportadores e, terceiro, em 2009, um novo segmento entra em cena, a indústria da celulose, que rapidamente se torna um dos expoentes das exportações do agronegócio do Estado.

O comércio internacional do agronegócio no Estado tem por base a exportação de *commodities* e produtos com o uso intenso de recursos abundantes localmente, possibilitando, com isso, a especialização da economia na produção de determinados bens. Essa favorece o Estado com um ganho de eficiência produtiva em larga escala, determinante para a competitividade desses produtos no mercado internacional.

Para manter a competitividade no mercado internacional, é fundamental que o setor produtivo mantenha sua capacidade de inovação e adaptação às condicionantes políticas e econômicas dos parceiros comerciais do Estado. Em vista disso, há necessidade de políticas internas que permitam agilidade nos processos comerciais por possuírem papel determinante na conquista de novos mercados ou na expansão dos existentes.

Os resultados confirmam a hipótese quanto à diversificação das exportações, intensificação na venda de produtos com algum grau de elaboração, bem como a manutenção da competitividade na exportação de produtos básicos.

Como sugestão para novos trabalhos, destaca-se a necessidade de aprofundar a relação dos principais capítulos das exportações do agronegócio frente à situação da infraestrutura de armazenamento, produção e escoamento da produção do Estado, sejam *commodities* ou produtos industrializados, acabados ou não.

Este estudo sobre os segmentos da pauta de exportação do agronegócio de Mato Grosso do Sul com maior competitividade, principais parceiros comerciais e tipo de comércio predominante foi relevante para identificar os principais segmentos que compõem esta pauta, bem como influenciar novos estudos a respeito desse comércio.

7 REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2003. 147 p.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **AgroStat**: estatísticas do comércio exterior do agronegócio brasileiro. Disponível em: <<https://login.agricultura.gov.br/sso/pages/login.jsp>>. Acesso em: 10 dez. 2012a.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. **Balança comercial por unidade da federação**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1076>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Alice Web**. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2012b.
- CALDARELLI, C. E.; CAMARA, M. R. G.; SEREIA, V. J. O complexo agroindustrial da soja no Brasil e no Paraná: exportações e competitividade no período 1990 a 2007. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, Lavras, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://200.131.250.22/revistadae/index.php/ora/article/view/64>>. Acesso em: 10 abr. 2012.
- CALDARELLI, C. E.; MIRANDA, S. H. G. Restrições comerciais e comércio intraindustrial: uma análise usando modelo LOGIT. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SOBER, 2009. p. 1-19.
- CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **PIB do agronegócio**: dados de 1994 a 2013. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/pib/>>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- CORONEL, D. A.; MACHADO, J. A. D.; CARVALHO, F. M. A. de. Análise da competitividade das exportações do complexo soja brasileiro de 1995 a 2006: uma abordagem de market-share. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 281-307, ago. 2009.
- COSTA, L. V. et al. **Competitividade e padrão de especialização do fluxo industrial de comércio exterior do Paraná**: 1996 a 2008. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/1191.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- COUTINHO, E. S. et al. De Smith a Porter um ensaio sobre as teorias de comércio exterior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 101-113, out./dez. 2005.

- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. **Boletim radar industrial**. Disponível em: <<http://www.fiems.org.br/novo/imgs/9f0d23a09cf69f1d09073cb2f9db7be1.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- FERDOUS, F. B. Pattern and determinants of export diversification in East Asian economies. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SOCIAL SCIENCE AND HUMANITY, 5., 2011, Singapore. **Proceedings...** Singapore: IPEDR, 2011. Disponível em: <<http://www.ipedr.com/vol5/no1/33-H00080.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- GRUBEL, H.; LLOYD, P. **Intra-industry trade: the theory and the measurement of international trade in differentiated products**. London: MacMillan, 1975.
- HAGUENAUER, L.; FERRAZ, J. C.; KUPFER, D. S. Competição e internacionalização na indústria brasileira. In: BAUMANN, R. (Org.). **O Brasil e a economia global**. Rio de Janeiro: Campus, 1996. p. 195-217.
- HAUSMANN, R.; HWANG, J.; RODRIK, D. What you export matters. **Journal of Economic Growth**, Berlin, v. 12, n. 1, p. 1-25, 2007.
- HIDALGO, A. B. Especialização e competitividade do nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, p. 491-515, jul. 1998. Número especial.
- _____. Mudanças na estrutura do comércio internacional brasileiro: comércio interindústria x comércio intraindústria. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v. 11, p. 55-68, set. 1993.
- HIDALGO, C. A. et al. The product space conditions the development of nations. **Science**, New York, v. 317, n. 5837, p. 482-487, 2007.
- JANK, M. S.; NASSAR, A. M. Competitividade e globalização. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Coord.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 138-153.
- KRUGMAN, P. Making sense of the competitiveness debate. **Oxford Review of Economic Policy**, Oxford, v. 12, n. 3, p. 17-25, 1996.
- LAFAY, G. Mesure des avantages comparatifs reveles. **Économie Perspective Intenationale**, Paris, n. 41, p. 29-51, 1990.
- LAURSEN, K. **Revealed comparative advantage and the alternatives as measures of international specialization**. Copenhagen: DRUID, 1998. (DRUID Working Paper, 98-30).
- LOURENÇO, J. C. **Logística agroindustrial: desafios para o Brasil na primeira década do século XXI**. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros/2010d/794/Agroindustria.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- MARTINS, A. P. et al. Desempenho do comércio exterior em Minas Gerais: estrutura, vantagem comparativa e comércio intraindústria. **Revista de Economia e Agronegócio**, Viçosa, v. 8, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/95071/1/Artigo%204.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2011.
- PARRÉ, J. L. et al. **Desempenho do setor agroindustrial da região sul do Brasil**. Disponível em: <http://www.pensaconference.org/siteantigo/arquivos_2001/41.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.
- PORTER, M. E. **Estratégia competitiva: técnicas para análise da indústria e concorrência**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986.
- SECRETARIA DE ESTADO, DE MEIO AMBIENTE, DE PLANEJAMENTO, DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Contas regionais/relatórios do PIB/produto interno bruto 2002/2010**. Disponível em: <<http://www.semec.ms.gov.br/index.php?Inside=1&tp=3&comp=&show=2878>>. Acesso em: 10 nov. 2012.
- SILVA, A. D. B. da; HIDALGO, A. B. A concorrência entre o Brasil e a China no mercado Sul-africano: uma aplicação do modelo constant-market-share. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 88-106, abr. 2012.
- SILVA, J. L. M.; MONTALVÁN, D. B. V. Exportações do Rio Grande do Norte: estrutura, vantagens comparativas e comércio intraindustrial. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 46, n. 2, p. 547-568, abr./jun. 2008.
- XAVIER, C. L. **Padrões de especialização e saldos comerciais no Brasil**. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200103253.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

APÊNDICE

TABELA 3 – Vantagem Comparativa Revelada (VCR) do agronegócio sul-mato-grossense, por capítulos – de 1997 a 2011

| Capítulo | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|----------|------|-------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 01 | 3,49 | 3,01 | 0,16 | 0,35 | 0,53 | 0,12 | 0,94 | 0,70 | 0,22 | 0,00 | 0,03 | 0,04 | 0,01 | 0,01 | 0,08 |
| 02 | 1,14 | 2,90 | 3,03 | 3,71 | 3,49 | 3,04 | 2,71 | 2,45 | 2,29 | 1,28 | 1,36 | 2,19 | 2,25 | 1,78 | 1,62 |
| 03 | 0,03 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,07 | 0,24 | 0,26 | 0,22 | 0,26 | 0,11 | 0,06 |
| 04 | 0,02 | 0,09 | 0,22 | 0,00 | 0,02 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,00 | 0,11 | 0,16 | 0,25 |
| 05 | 3,53 | 6,41 | 4,66 | 3,95 | 2,59 | 2,12 | 1,95 | 2,37 | 1,90 | 1,93 | 2,25 | 1,96 | 2,17 | 1,45 | 1,47 |
| 06 | 0,00 | 0,10 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,02 | 0,14 | 0,15 | 0,13 | 0,14 | 0,12 | 0,07 | 0,14 | 0,04 | 0,04 |
| 07 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,15 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,03 | 0,01 | 0,01 |
| 08 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| 09 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 |
| 10 | 7,53 | 2,02 | 0,11 | 0,52 | 0,48 | 0,82 | 2,26 | 0,77 | 0,14 | 4,00 | 3,51 | 1,09 | 1,05 | 1,53 | 1,05 |
| 11 | 5,12 | 11,41 | 7,99 | 4,73 | 0,19 | 0,06 | 0,65 | 0,36 | 0,13 | 0,37 | 0,64 | 0,32 | 1,34 | 1,68 | 0,97 |
| 12 | 2,20 | 1,28 | 2,67 | 0,75 | 1,39 | 0,63 | 0,84 | 1,22 | 1,68 | 2,49 | 2,08 | 1,71 | 0,99 | 1,33 | 1,23 |
| 13 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 2,51 | 0,30 | 0,46 | 0,01 | 0,04 | 0,03 |
| 14 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 3,11 | 0,08 | 0,00 |
| 15 | 1,19 | 1,80 | 0,13 | 0,53 | 0,18 | 0,55 | 1,52 | 2,37 | 1,55 | 0,66 | 1,14 | 0,92 | 1,08 | 1,07 | 1,22 |
| 16 | 0,00 | 0,20 | 0,13 | 0,09 | 0,00 | 0,09 | 0,22 | 0,40 | 0,63 | 0,41 | 0,33 | 0,40 | 0,44 | 0,28 | 0,28 |
| 17 | 0,20 | 0,59 | 1,07 | 0,34 | 0,24 | 0,46 | 0,34 | 0,36 | 0,29 | 0,55 | 0,37 | 0,31 | 0,65 | 0,84 | 1,29 |
| 18 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,10 | 0,08 | 0,08 |
| 19 | 1,05 | 2,41 | 0,78 | 0,28 | 0,04 | 0,09 | 0,11 | 0,18 | 0,04 | 0,11 | 0,20 | 0,09 | 0,20 | 0,22 | 0,20 |
| 20 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,03 | 0,03 | 0,03 |
| 21 | 0,04 | 0,19 | 0,05 | 0,05 | 0,00 | 0,00 | 0,03 | 0,04 | 0,04 | 0,05 | 0,03 | 0,00 | 0,01 | 0,03 | 0,04 |
| 22 | 0,13 | 1,22 | 2,21 | 1,46 | 0,47 | 0,26 | 0,27 | 0,05 | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,09 | 0,21 | 0,26 | 0,40 |
| 23 | 3,95 | 3,47 | 2,79 | 4,15 | 2,31 | 2,83 | 2,06 | 0,73 | 1,57 | 2,29 | 2,26 | 1,78 | 1,35 | 0,98 | 0,73 |
| 24 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| 41 | 0,73 | 3,65 | 1,65 | 1,12 | 1,37 | 1,89 | 1,91 | 2,95 | 2,37 | 3,16 | 2,74 | 2,18 | 1,75 | 0,96 | 1,09 |
| 44 | 0,04 | 0,22 | 0,63 | 0,74 | 0,44 | 0,70 | 0,81 | 0,78 | 0,53 | 0,54 | 0,44 | 0,37 | 0,21 | 0,14 | 0,13 |
| 47 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 2,42 | 2,40 | 2,41 |
| 48 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,07 | 0,48 | 0,43 |
| 52 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,35 | 0,97 | 1,09 | 1,42 | 0,92 | 0,55 | 1,04 | 0,67 | 0,94 | 0,84 | 0,49 | 0,54 |
| 53 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos resultados da pesquisa. Dados disponibilizados pela SECEX/MIDIC - Sistema ALICEWEB (BRASIL, 2012b).

TABELA 4 – Taxa de Cobertura (TC) do agronegócio sul-mato-grossense, por capítulos, de 1997 a 2011

| Capítulo | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|----------|----------|---------|---------|--------|----------|---------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|--------|---------|---------|
| 01 | 0,05 | 0,02 | 0,00 | 0,01 | 4,33 | 0,00 | # | # | # | # | # | # | # | # | # |
| 02 | 20,12 | 11,54 | 17,09 | 3,96 | 12,50 | 5,05 | 4,82 | 7,88 | 19,76 | 6,15 | 6,47 | 11,99 | 14,92 | 9,82 | 6,87 |
| 03 | 0,96 | # | # | # | 0,06 | 0,12 | 0,01 | 0,02 | 0,39 | 0,77 | 1,09 | 0,25 | 0,15 | 0,09 | 0,02 |
| 04 | # | # | # | # | 0,15 | 0,00 | 0,01 | 0,22 | 0,00 | 0,00 | 0,09 | 0,04 | 0,51 | 0,51 | 0,11 |
| 05 | 2,37 | 1,09 | 2,07 | 13,43 | 51,06 | 7,93 | 73,21 | 6,76 | 9,77 | 877,17 | 42,31 | 27,75 | 26,50 | 26,15 | 34,24 |
| 06 | 0,00 | 39,00 | # | # | # | # | # | # | # | #! | # | # | # | # | # |
| 07 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,04 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| 08 | 0,00 | # | 0,09 | 0,48 | # | # | 9,44 | 0,05 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,03 | 0,07 | # |
| 09 | 0,47 | 2,03 | # | # | # | # | # | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 4,24 | 37,59 | 11,31 |
| 10 | 1,97 | 0,05 | 0,00 | 0,09 | 2,85 | 7,76 | 7,94 | 2,11 | 0,15 | 5,35 | 8,61 | 2,83 | 3,30 | 12,18 | 11,56 |
| 11 | 7,99 | 17,00 | # | 5,27 | 0,16 | 0,09 | 2,35 | 0,16 | 0,19 | 0,08 | 0,04 | 0,05 | 0,09 | 0,16 | 0,09 |
| 12 | 18,09 | 20,86 | 373,81 | 35,97 | 100,73 | 28,95 | 25,47 | 226,22 | 131,49 | 137,19 | 55,79 | 118,45 | 58,91 | 104,89 | 138,71 |
| 13 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # |
| 14 | # | # | # | # | # | # | 0,00 | # | # | # | # | # | # | # | # |
| 15 | # | # | 48,28 | 13,89 | 4,67 | 30,09 | 51,02 | 100,45 | 65,07 | 6,14 | 27,41 | 181,22 | 54,49 | 63,34 | 4,05 |
| 16 | # | # | # | # | # | # | 10,23 | 17,74 | 53,01 | 31,36 | 24,12 | 33,51 | 35,16 | 26,02 | 55,89 |
| 17 | # | 2369,98 | 3241,79 | # | # | # | # | # | # | # | 2417,36 | 8674,11 | # | # | # |
| 18 | # | 3,18 | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # |
| 19 | 16,45 | 1000,65 | # | 10,59 | 6,35 | 0,37 | 0,05 | 0,25 | 0,02 | 0,12 | 6,32 | 3,09 | 9,77 | 3,20 | # |
| 20 | # | # | # | # | # | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,07 | 0,09 | 0,10 |
| 21 | 7,13 | 1,83 | 14,44 | 35,24 | # | # | # | 6,47 | 9,48 | 2,55 | 1,24 | 0,25 | 0,50 | 4,63 | 1,48 |
| 22 | 2,17 | 52,66 | # | # | # | # | 46,31 | 16,48 | # | 1,48 | 0,21 | 10,53 | 965,23 | 1322,48 | 642,61 |
| 23 | 30433,66 | 706,51 | 1669,75 | 448,73 | 437,75 | 126,99 | 122,08 | 82,41 | 240,26 | 187,85 | 292,47 | 414,51 | 664,90 | 3410,34 | 5091,87 |
| 24 | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # | # |
| 41 | # | # | # | # | # | # | # | 66,90 | # | # | # | 525,16 | 126,49 | # | 139,30 |
| 44 | 0,79 | 1,26 | 15,10 | 14,68 | 12,71 | 21,57 | 39,89 | 70,64 | 49,96 | 12,51 | 5,40 | 2,15 | 1,54 | 1,05 | 0,89 |
| 47 | # | # | # | # | # | # | # | 0,00 | 0,00 | # | # | # | # | # | # |
| 48 | 2,02 | 310,75 | # | 0,38 | 0,00 | 0,09 | 0,35 | 0,35 | 0,08 | 0,07 | 0,36 | 0,75 | 15,66 | 44,10 | 10,57 |
| 52 | # | # | 0,00 | # | 31538,05 | 1273,32 | # | 26,39 | 4,75 | 1,48 | 1,00 | 0,66 | 0,98 | 0,37 | 0,69 |
| 53 | # | # | # | # | # | # | # | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos resultados da pesquisa. Dados disponibilizados pela SECEX/MDIC - Sistema ALICEWEB (BRASIL, 2012b).
 Nota: O símbolo # pode significar ausência de importações ou inexistência de comércio. (0,00) significa a inexistência de exportações.

TABELA 5 – Pontos Fortes, Fracos e Neutros do agronegócio sul-mato-grossense, por capítulos, de 1997 a 2011

| Capítulo | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|----------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| 01 | Neutro | Neutro | Fraco | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 02 | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte |
| 03 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 04 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 05 | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte |
| 06 | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 07 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 08 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 09 | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Neutro |
| 10 | Forte | Neutro | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Forte | Neutro | Fraco | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte |
| 11 | Forte | Forte | Neutro | Forte | Fraco | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Fraco |
| 12 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Neutro | Neutro | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Forte |
| 13 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 14 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco |
| 15 | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Neutro | Forte | Forte | Forte |
| 16 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro |
| 17 | Fraco | Neutro | Forte | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Neutro |
| 18 | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 19 | Forte | Forte | Fraco | Neutro | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Fraco |
| 20 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 21 | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro |
| 22 | Neutro | Forte | Neutro | Neutro | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Neutro |
| 23 | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Forte | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro |
| 24 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 41 | Fraco | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Forte | Neutro | Neutro | Neutro | Forte | Forte | Fraco | Forte |
| 44 | Fraco | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Fraco |
| 47 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro |
| 48 | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro |
| 52 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Neutro | Neutro | Neutro | Neutro | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |
| 53 | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco | Fraco |

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos resultados da pesquisa. Dados disponibilizados pela SECEX/MDIC - Sistema ALICEWEB (BRASIL, 2012b).

TABELA 6 – Contribuição para o Saldo Comercial (CSC) do agronegócio sul-mato-grossense, por capítulos, de 1997 a 2011

| Capítulo | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|----------|-------|--------|--------|--------|-------|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 01 | -7,63 | -18,22 | -10,09 | -5,17 | -0,01 | -4,20 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,01 |
| 02 | 0,33 | 4,27 | 3,77 | -14,18 | -4,83 | -11,44 | -9,46 | -1,94 | 3,51 | -3,13 | -0,69 | 3,51 | 2,68 | -1,52 | -3,74 |
| 03 | -0,06 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,09 | -0,14 | -2,28 | -2,79 | -0,61 | -0,69 | -0,32 | -0,94 | -1,57 | -1,16 | -1,76 |
| 04 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | -0,09 | -0,13 | -0,53 | -0,03 | -0,08 | -0,49 | -0,37 | -0,32 | -0,34 | -0,41 | -2,17 |
| 05 | -1,45 | -5,14 | -2,34 | 0,24 | 0,11 | -0,06 | 0,32 | -0,12 | -0,08 | 0,29 | 0,41 | 0,26 | 0,24 | 0,14 | 0,19 |
| 06 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| 07 | -0,66 | -0,46 | -1,50 | -0,97 | -1,16 | -0,53 | -0,65 | -5,51 | -6,90 | -5,61 | -7,66 | -3,92 | -2,29 | -2,38 | -0,62 |
| 08 | -0,01 | 0,00 | -0,05 | -0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,71 | -1,22 | -2,00 | -1,90 | -0,37 | -0,20 | -0,02 | 0,00 |
| 09 | -0,56 | -0,09 | 0,05 | 0,04 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,22 | -0,24 | -0,54 | -0,53 | -0,21 | -0,01 | 0,01 | 0,00 |
| 10 | -3,12 | -11,03 | -12,33 | -1,70 | -1,27 | -0,08 | -0,03 | -2,10 | -1,54 | -1,22 | 1,15 | -2,40 | -1,98 | 0,07 | 0,18 |
| 11 | -0,06 | 0,22 | 0,15 | -0,06 | -0,21 | -0,13 | -0,05 | -0,40 | -0,16 | -1,23 | -4,17 | -1,95 | -4,31 | -2,46 | -2,64 |
| 12 | 0,70 | 5,00 | 7,83 | 2,65 | 2,53 | 2,03 | 3,49 | 6,46 | 5,31 | 10,81 | 9,97 | 9,16 | 4,45 | 5,21 | 6,66 |
| 13 | -0,14 | -1,38 | -0,45 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,10 | 0,01 | 0,02 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| 14 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,03 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 |
| 15 | 0,95 | 4,39 | 0,15 | 0,20 | -0,32 | 0,51 | 2,42 | 3,41 | 1,19 | -0,31 | 1,32 | 1,37 | 0,61 | 0,57 | -1,68 |
| 16 | 0,00 | 0,18 | 0,10 | 0,07 | 0,00 | 0,05 | 0,03 | 0,12 | 0,28 | 0,29 | 0,29 | 0,32 | 0,24 | 0,09 | 0,14 |
| 17 | 0,39 | 3,01 | 4,01 | 0,91 | 0,49 | 1,57 | 1,11 | 1,02 | 0,78 | 2,79 | 1,55 | 0,93 | 2,67 | 4,27 | 6,87 |
| 18 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,01 | 0,01 |
| 19 | 0,00 | 0,20 | 0,06 | 0,01 | 0,00 | -0,16 | -1,67 | -0,65 | -1,76 | -0,90 | 0,00 | -0,03 | 0,00 | -0,04 | 0,01 |
| 20 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -1,12 | -5,92 | -4,26 | -3,58 | -4,94 | -5,79 | -4,08 | -3,51 | -2,77 | -2,45 |
| 21 | -0,03 | -0,43 | 0,01 | 0,05 | 0,00 | 0,00 | 0,02 | -0,01 | -0,01 | -0,06 | -0,09 | -0,05 | -0,06 | -0,02 | -0,09 |
| 22 | -0,13 | 0,28 | 0,50 | 0,32 | 0,06 | 0,08 | 0,07 | 0,01 | 0,01 | -0,07 | -0,61 | 0,02 | 0,14 | 0,12 | 0,23 |
| 23 | 11,98 | 15,49 | 8,18 | 14,64 | 3,94 | 9,32 | 7,35 | 2,24 | 2,89 | 4,55 | 5,64 | 4,26 | 3,13 | 1,94 | 1,54 |
| 24 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| 41 | 0,58 | 6,14 | 1,84 | 1,79 | 1,00 | 2,81 | 2,86 | 3,33 | 2,15 | 4,78 | 4,82 | 2,11 | 0,89 | 0,66 | 0,73 |
| 44 | -1,09 | -2,43 | 0,59 | 0,97 | -0,34 | 1,07 | 1,89 | 2,10 | 0,77 | 0,42 | -0,33 | -1,70 | -1,05 | -1,05 | -0,95 |
| 47 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,45 | -0,20 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 3,87 | 4,50 | 4,25 |
| 48 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,14 | 0,00 | -0,01 | -0,01 | -0,04 | -0,08 | -0,06 | -0,07 | 0,02 | 0,28 | 0,01 |
| 52 | 0,00 | 0,00 | -0,52 | 0,19 | 0,33 | 0,54 | 1,07 | 0,46 | -0,50 | -2,72 | -2,66 | -5,91 | -3,57 | -5,89 | -4,65 |
| 53 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,05 | -0,02 | -0,01 | -0,07 | -0,16 | -0,10 |

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos resultados da pesquisa. Dados disponibilizados pela SECEX/MDIC - Sistema ALICEWEB (BRASIL, 2012b).